

Paper do NAEA Volume 28

Referências culturais e patrimônio: o Mangueirão, em Belém, PA

Jonathan Rodrigues Nunes¹
Silvio José de Lima Figueiredo²



RESUMO

As referências culturais se tornam amplamente discutidas no âmbito patrimonial, nesta perspectiva este estudo busca como objetivo avaliar de que forma o Estádio Olímpico do Pará Edgar Proença (Mangueirão) se caracteriza como patrimônio cultural do Estado do Pará. Esta pesquisa partiu da seguinte indagação de que forma o Estádio Olímpico do Pará Edgar Proença se caracteriza como um patrimônio cultural paraense? Para chegar ao resultado utilizou-se como parâmetros metodológico, pesquisas bibliográficas e a aplicação de cem questionários que resultaram na empiria deste trabalho. Como resultado identificou-se o Mangueirão se caracteriza como patrimônio cultural paraense, pois seus frequentadores o caracterizam como espaço de extrema relevância história e social principalmente para o futebol paraense.

Palavras-chave: Patrimônio. Estádio Olímpico. Turismo. Referências Culturais.

1 Discente do Curso de Bacharel em Turismo. Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC).

2 Professor e Pesquisador. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisador do CNPQ.

ABSTRACT

The cultural references become widely discussed in the patrimonial scope, from this perspective this study aims to evaluate how the Estádio Olímpico do Pará Edgar Proença (Pará Olympic Stadium Edgar Proença), Mangueirão, is characterized as a cultural heritage of the State of Pará. This research was based on the following question: How is Pará Olympic Stadium Edgar Proença characterized as a cultural heritage of Pará? In order to achieve the result, methodological parameters, bibliographic researches and the application of 100 questionnaires, that resulted in this work, were used. As a result Mangueirão was identified as a cultural heritage of Pará, since its visitors characterize it as a space of extreme historical and social relevance especially for the soccer in Pará.

Keywords: Heritage, Olympic Stadium, Tourism, Cultural References.

INTRODUÇÃO

O Estádio Olímpico do Pará Edgar Proença (EOP), é considerado o maior estádio do estado do Pará, devido sua relevância para o futebol nessa região e sua relação com o desenvolvimento da cidade de Belém e das dinâmicas de crescimento e expansão urbana. De acordo com Monteiro (2009) o governador da época da criação do estádio, Alacid Nunes, ambicionou construir o que chamaria de “maior campo de futebol da Amazônia”. Para tal, a obra teve como projetista o arquiteto Alcir Meira, que na época pensou em construir um local com capacidade de aproximadamente cento e vinte mil pessoas.

O estádio foi inaugurado em 1978, porém, com um público reduzido e com as arquibancadas pela metade devido à falta de recursos para o término da obra, sendo chamado de Estádio Estadual “Alacid Nunes” e apelidado de “Mangueirão”, em função da relação com a cidade arborizada por mangueiras. Em 2001, o local foi fechado com a promessa de finalização de sua circundação, bem como a construção de uma pista olímpica, a qual viria a dar maior notoriedade ao equipamento esportivo. Em maio de 2002, após um ano de reforma, o local foi reinaugurado passando a se chamar Estádio Olímpico do Pará Jornalista Edgar Proença, jornalista que narrou diversos momentos do Mangueirão nome atribuído pela população e muitas vezes dito pelo locutor. Por todas essas características, encontra-se na mídia e em alguns relatos e estudos a ideia de que o estádio é “patrimônio cultural” dos paraenses e no presente estudos pretende-se investigar essa narrativa.

Com base nessas observações, o objetivo deste estudo é avaliar de que forma o Estádio Olímpico do Pará Edgar Proença (Mangueirão) se caracteriza como patrimônio cultural para a população do Estado do Pará. Nesse sentido, observou-se a importância da visitação cotidiana ao espaço, que recebe visitantes incluindo turistas, e os esforços para sistematizar as visitas monitoradas no local, na relação com a educação patrimonial e o turismo cultural. A metodologia deste trabalho se dividiu por etapas, a inicial foi a coleta de dados que se iniciou pela pesquisa bibliográfica, constituindo-se na consulta de artigos científicos, livros, teses e dissertações que deram base para as discussões em torno de categorias como: turismo, turismo cultural, patrimônio e patrimônio cultural. Em janeiro de 2018 foi realizado o levantamento do contexto do estádio e dos eventos nele realizados, sendo analisados os dias de jogos e as atividades de cunho esportivo e cultural que iriam ocorrer no estádio no primeiro semestre.

No segundo momento foi elaborado um questionário, baseado em perguntas fechadas e abertas, na tentativa de receber relatos dos frequentadores na forma mais profunda e verdadeira (THIOLLENT, 1981). Para tal foram inquiridas variáveis que mostrasse o perfil social do respondente, o estado de conservação que o estádio se encontra atualmente, se se considera o local um patrimônio cultural e quais benfeitorias o Mangueirão precisaria receber para reforçar a ideia de patrimônio consolidado da cidade.

Na pesquisa foram aplicados cem questionários. Para chegar a este quantitativo foram analisados os públicos em média por jogo no estádio que gira em torno de oito mil pagantes, e o clássico RExPA³, que reúne um número mais expressivo. Foi realizada uma média

3 Jogos em campeonato reunindo os dois principais times de futebol do estado do Pará, o clube do Remo e o Paysandu Sport Club, e que possuem torcidas rivais e que acompanham os times em seus jogos nesse estádio e em outros.

aritmética simples, no qual se chegou ao número total de questionários que deveriam ser preenchidos e em que áreas deveriam ser repassados, já que o local possui três áreas de maior aglomeração de pessoas, são elas a arquibancada, as cadeiras cativas e os camarotes. Os questionários foram aplicados nos dias 07 de maio de 2018, na disputa entre Remo e Paysandu (RExPA) com dezesseis questionários, sendo divididos seis para cada time, no dia 16 de maio na partida entre Paysandu e Atlético (ES) e no dia 20 de maio no jogo entre Remo e Confiança. Sendo preenchidos 42 questionários, nos dois jogos com as torcidas. O material foi coletado e tratado na plataforma Excel, e exposto por meio de gráficos para melhor visualização e análise dos resultados.

Como teoria de base analítica utilizou-se os autores Murta e Albano (2002), Gonçalves (2015), Fonseca (2001) e DaMatta (1984), os quais estabelecem uma correlação entre o patrimônio e sua interpretação, passando por diversas etapas de apropriação do espaço pelo povo. A pesquisa se justifica por seu teor informacional e científico, já que o estádio possui algumas publicações sobre sua utilidade como equipamento de lazer, todavia há poucas publicações sobre a visão da comunidade sobre o patrimônio Mangueirão.

Deste modo, foi possível verificar como resultados que o Mangueirão se caracteriza como um recurso turístico e cultural, e que se atribui esta importância à constituição do esporte paraense, no caso o futebol, como marco identitário. Principalmente por ser o palco de grandes jogos e pela memória de grandes eventos culturais que fizeram parte da memória afetiva das pessoas do estado.

TURISMO CULTURAL E PATRIMÔNIO CULTURAL

O turismo é uma prática social moderna que diz respeito às viagens para lazer realizadas principalmente por meio de aquisições de pacotes de viagem e da viagem em grupo, a partir de modelos e empresas que organizam essas viagens, as chamadas agências de viagens. Conforme definido pela Organização Mundial de Turismo (OMT), é um “movimento de pessoas a lugar diverso do qual habite por tempo inferior a 360 dias, desde que esta não realize atividades econômicas” (1991, p. 01). Por conseguinte, o turismo é a realização de “viagens organizadas” para local diverso do qual seja com o intuito de lazer, passeio, negócio, religião, dentre outros segmentos. Segundo Figueiredo e Nóbrega (2015), esses sentidos vêm se alterando e hoje, além da viagem mercadoria, o turismo amplia seu sentido para diversas práticas de viagem para o lazer, com mediações dos setores econômicos ou não, e nesse sentido se caracteriza como prática social.

Dentro de sua historicidade, o turismo nasce no século XIX, pós Revolução Industrial, a partir da organização da viagem por Thomas Cook, possibilitando assim deslocamentos diversos inclusive para participação como público em jogos e disputas esportivas, dentre outras atividades desenvolvidas na época como descanso, o ócio, ou ainda motivos sociais e culturais (AQUINO et al, 2007). A prática permite interações de natureza cultural, social e econômica, as quais expressam um caráter complexo, amplo e multifacetado. A ideia interdisciplinar do turismo faz com que ele adquira diversas denominações, principalmente as que o classificam unicamente como atividade econômica. De acordo com Moesch (2002, p.9), o turismo como sendo um fenômeno social, consiste em:

Uma combinação complexa de inter-relacionamento entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.

Por isto, não se pode destacar a atividade turística apenas sob uma perspectiva do mercado e de que tudo é produto.

Para a recepção de visitantes e turistas, há inúmeras teorias e modelos práticos. Murta e Goodey (2002, p.13) afirmam que o local recebe “[...] ‘intervenções turísticas’ com isto o espaço ganha várias características de acordo com o visitante, os quais deram identidade aquele espaço, que merece ter sua integridade respeitada e preservada”. Neste sentido, é necessário que os habitantes das diversas faixas etárias se conscientizem sobre a importância de reconhecer e valorizar os elementos de sua história e do seu espaço. Desta maneira esse espaço se destacaria não somente pela geração de emprego e renda no setor econômico da sociedade, ele também interferiria nas esferas sociais, ecológicas e culturais de uma cidade.

Beni (1997, p. 41) destaca que o turismo se torna eficiente em:

1. Promover a difusão de informação sobre uma determinada região ou localidade, seus valores naturais, culturais e sociais;
2. Abrir novas perspectivas sociais como resultado do desenvolvimento econômico e cultural da região;
3. Integrar socialmente, incrementar a consciência nacional;
4. Desenvolver a criatividade em vários campos;
5. Promover o sentimento de liberdade mediante a abertura ao mundo, estabelecendo ou estendendo contatos culturais, estimulando o interesse pelas viagens turísticas.

Dentro da perspectiva de mercado, das diversas segmentações do turismo, destaca-se o turismo cultural, caracterizado pela Organização Mundial do Turismo (OMT) a partir da noção de cultura: “[...] a definição de cultura é quase tão vasta quanto a do próprio turismo” (BRASIL, 2006). Contudo o Ministério do Turismo (MTUR) brasileiro destaca que qualquer tipo de viagem turística se torna uma experiência cultural. A experiência de sair de seu local habitual, entrar em contato com os saberes e fazeres outros, dá ao visitante uma motivação entorno dos temas da cultura.

Este segmento com o passar dos anos foi se transformando, pois foi durante anos considerado um viés reservado às elites burguesas. Todavia, as experiências daqueles viajantes são semelhantes às dos turistas culturais atuais (MALKIN, 1999). Desta maneira, se torna um guarda-chuva para um conjunto de atividades e uma forma de diferenciação no turismo (MCKERCHER; CROS, 2002). Dentre as diversas experiências que o turismo cultural proporciona, destaca-se a visita ao patrimônio cultural, que está diretamente ligado à atividade turística.

Nesta conformidade há a necessidade de caracteriza o patrimônio com suas principais conceituações. Dentre elas, dizem respeito à herança que é transmitida no pretérito e que posteriormente e repassada para um grupo de indivíduos, todavia, o conceito de patrimônio dispõe de mais concepções, pois o mesmo não se delimita vestígios táteis incorporada no meio historial (SILVA, 2000).

Com o passar do tempo essas múltiplas formas de expressão de cunho cultural, de pertencimento podem vir a se extinguir e dissipar-se, e há os que se mantêm de acordo com seus moldes iniciais somando-se com demais manifestações. Em meio a este desenvolvimento, os materiais e métodos utilizados no passado exercem a tarefa de auxiliar no processo de continuidade destes fundamentos, que é repassado aos indivíduos sucessores, e desta forma o processo cultural se perpetua.

Deste modo patrimônio não se restringiria do conceito de herança atribuída a um determinado grupo ou indivíduo, e de um legado que se mantêm com o tempo de modo conciso através de indivíduos que almejam transmiti-lo para grupos futuros. Salienta-se o sentimento de pertencimento faz parte dessa atribuição de valor e sentido, seja o patrimônio material ou imaterial. De acordo com Ballarte (1997, p. 17), a concepção de patrimônio desponta a partir deste cenário “[...] quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos identifica como seus um objeto ou um conjunto de objetos”.

A concepção de patrimônio e as interrelações com o ambiente em que sucede o intercâmbio de experimentos, por intermédio também da atividade turística, indica que esse conceito possui uma “expressão espacial significativa e constituinte da própria identidade cultural - a sua inerente territorialidade” (DI MÉO, 1994, p.20). Dessa forma, além de processos de transmissão de heranças culturais significativas, está presente a territorialidade. Neste intercâmbio cultural destaca-se as referências culturais que os recursos turísticos representam, não só para as turistas e sim para a comunidade, sendo lhe atribuído por vários tipos de funções, sejam elas históricas, artísticas, políticas dentre outros marcos históricos.

Fonseca (2001) informa que ao falarmos de referências culturais no patrimônio, se destaca a representatividade e a identidade de um território, sendo consideradas todas as vertentes de patrimônio cultural material ou imaterial. DaMatta (1984) ressalta que essas referências são como identidades social de um povo, tornando-se tão importante quanto conhecer a si mesmo.

Para Figueiredo et al. (2012), o patrimônio possui algumas características importantes como sua possibilidade identitária, a raridade, a representatividade, ser documento de uma época, etc. Mas é ser referência para uma comunidade que faz ele ser patrimônio. E nesse sentido, não haveria relação a priori com o turismo.

ESTÁDIO OLÍMPICO DO PARÁ

O Estádio Olímpico do Pará Jornalista Edgar Proença detém uma extensa história, que tem seu advento na década de 60, em meio ao início da Ditadura Militar no Brasil. O projeto surgiria para solucionar a necessidade do Estado de possuir uma praça esportiva de ampla capacidade, que pudesse receber os grandiosos eventos da época. Sendo assim, o local iria retirar incômodo que foi gerado na população em virtude de não participar de grandes eventos futebolísticos, e possuir um estádio de grande envergadura (MONTEIRO, 2009).

O idealizador do espaço foi o então governador Alacid Nunes que ambicionava, a priori, a criação de uma praça de esportes comportando 120 mil pessoas. Em 1978, o Estádio Alacid Nunes foi inaugurado, tendo seu projeto elaborado sob a reponsabilidade do arquiteto Alcir Meira. E sua estrutura física consistia na metade do atual, chamado pela população de “bandola” (Figura 1).

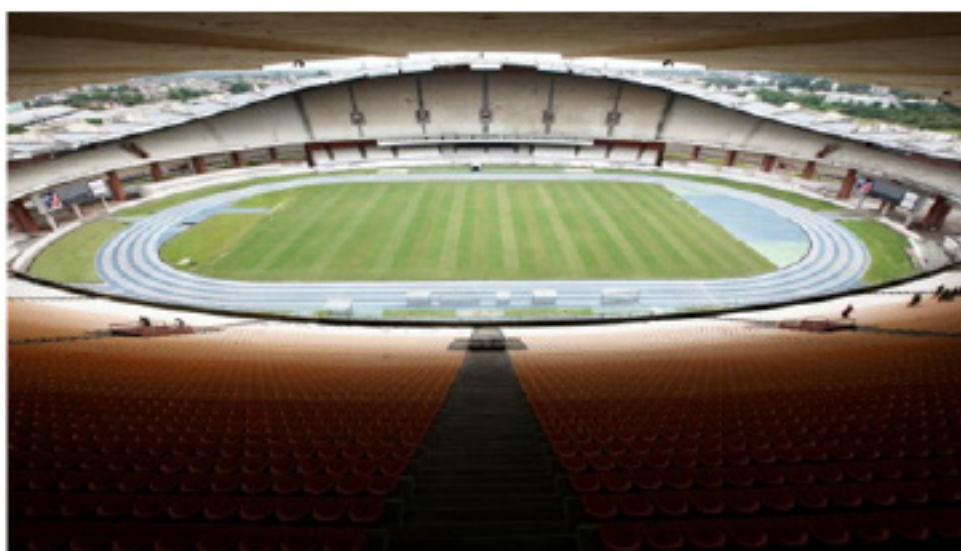
Figura 1: Antigo Estádio Alacid Nunes



Fonte: Painel em exposição na sala de autoridades do estádio. Jonathan Nunes 2018.

Em 2002, o Estádio foi reinaugurado, após modificações na estrutura, entre as quais a conclusão da circunferência; a redução da extensão dos gramados aos padrões FIFA; além da retirada da arquibancada geral para dar lugar à pista de atletismo. E passou a ser chamado de Estádio Olímpico do Pará Edgar Proença (EOP) em homenagem ao jornalista da Rádio Club. Porém, é conhecido pela população como “Mangueirão”, presumivelmente em alusão a “Belém, Cidade das Mangueiras” (MONTEIRO, 2009) (Figura 2).

Figura 2: Atual Estádio Jornalista Edgar Proença



Fonte: Jonathan Nunes, 2018.

O Estádio Estadual Jornalista Edgar Proença é o maior do Pará, e o único que inclui as pistas olímpicas em sua estrutura. Sediou jogos e eventos de atletismo significativos, como o Grande Prêmio do Atletismo (Grande Prêmio Caixa Governo do Pará de Atletismo, em 2012). Grandes

eventos de cunho religioso e cultural também passara a ser realizados ali, tornando o estádio palco da história do esporte e se consolidando como símbolo cultural do Pará. De acordo com Helal (1997, p. 6), “[...] o fascínio exercido pelo futebol sobre os diversos segmentos sociais, transformou este esporte em uma espécie de 'idioma comum' na cidade, influenciando nos hábitos e costumes da cidade”. Convém destacar que, além dessa atividade desportiva, os estádios brasileiros estão se tornando cada vez mais multifuncionais, consagrando-se palco de manifestações culturais, por vezes seguindo a dinâmica do entretenimento.

Nesta perspectiva, o EOP fez parte dos fatos que marcam a história do futebol paraense e de vários momentos da sociedade. Nunes, Nascimento e Nascimento (2016) destacam que diversos eventos de cunho esportivo religioso e cultural são realizados dentro do estádio, sendo um de seus principais marcos ser o primeiro local onde foi cantado em 2014, durante a Copa das Confederações, o Hino Nacional Brasileiro à capela, sendo repetido em diversos outros jogos do da seleção. O Mangueirão é considerada a “casa” do clássico paraense RExPA, que é a disputa entre os times do Club do Remo e Paysandu Sport Club, os principais times do Pará.

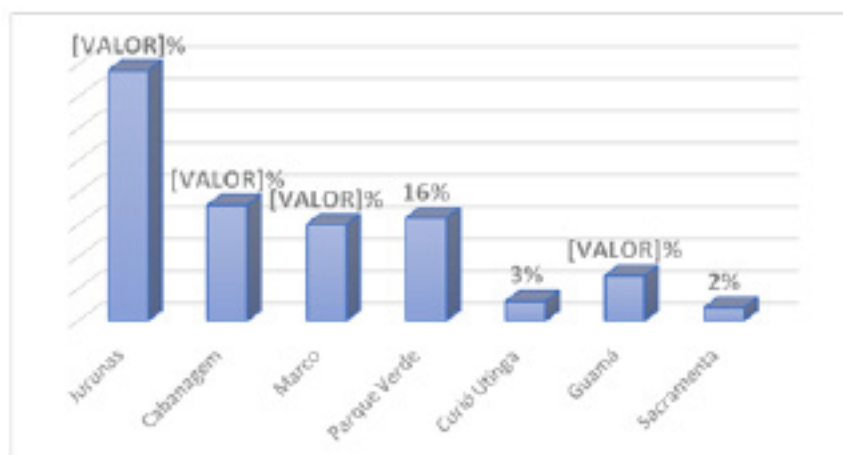
RESULTADOS

Conforme argumentam Murta e Albano (2002), o contato com patrimônio deve produzir uma rede de descobertas, fazendo com que a população crie sempre novas lembranças, para que haja um maior sentido de pertencimento. Nesta perspectiva, durante a pesquisa, indagou-se à população sobre a percepção do Mangueirão como patrimônio cultural do Pará. Nessa chave, foram analisados cem questionários. Fonseca (2001) destaca que ao analisar as referências culturais não se observa somente determinado ponto e sim todo o simbolismo que o patrimônio representaria.

Para a análise, também foi perguntado o perfil dos entrevistados, sendo que 78% são do sexo masculino e 22% do sexo feminino, com predominância de idade de 48% na faixa etária de 18 a 24 anos, por conseguinte 37% entre 25 e 44 anos e 15% entre 45 e 54 anos. Na pergunta quanto a origem, cem por cento dos entrevistados são oriundos de Belém, morando em diversos bairros, sendo os principais Jurunas (39%), Cabanagem (18%), Marco (15%) e Parque verde (16%), estes totalizando 85% dos entrevistados (Gráfico 1). Foi perguntado também sobre a renda dos entrevistados, os quais 67% possui renda entre dois a três salários mínimos, 16% de três a quatro salários e 17% até um salário.

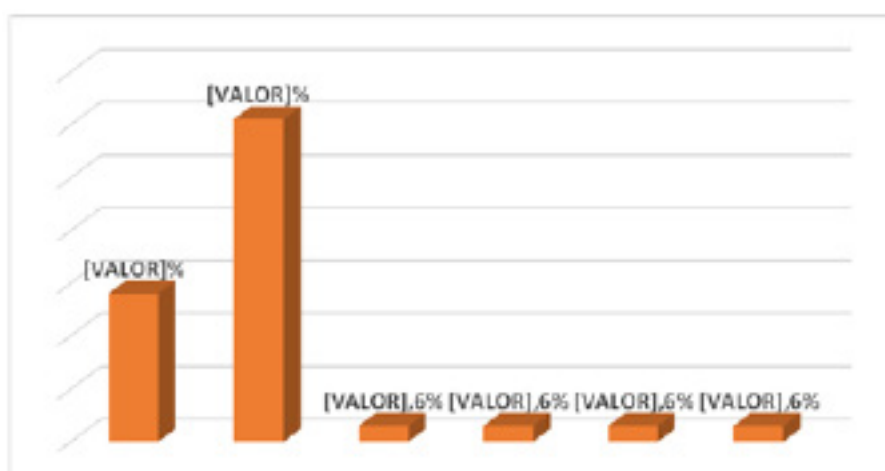
DaMatta (1984) destaca que os espaços públicos como o EOP, possuem um domínio, do qual a sociedade ganha vida, atingindo assim um verdadeiro status de casa. Neste sentido foi analisado a importância do Estádio para a população e dos entrevistados, 28% deram nota 10 ao Mangueirão, 61% deram nota oito e as notas 5,6,7 e 9 receberam três votos cada, totalizando 3,6% cada (Gráfico 2). Quando perguntados se o estádio é um patrimônio cultural do estado 97% dos entrevistados afirmaram que sim e 3% que não. Esse resultado aponta para um reconhecimento do estádio como referência cultural e portanto valor de patrimônio para a população. Gonçalves (2015) ressalta que o valor dado pela população ao patrimônio demonstra a identidade do local, ressaltando seu reconhecimento e sua importância cultural para aquele grupo.

Gráfico 1 - Bairro dos entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Gráfico 2: Nota atribuída ao Estádio



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A importância do estádio também foi analisada pelos respondentes, quando perguntados do porquê de o Mangueirão ser um patrimônio. Dentre as principais respostas destacou-se o fato de ser considerado um dos principais “berços” da história do futebol paraense, com 91%, e 9% atribuíram sua resposta a um “fator turístico e social” para a comunidade paraense.

Murta e Albano (2002) enfatizam que o patrimônio, para obter uma maior possibilidade de interpretação, necessita de adequações e um melhor aproveitamento, devendo ser analisadas as várias necessidades e aprimoramentos do espaço. Para entender essa perspectiva, foram realizadas perguntas sobre quais as melhorias que o EOP necessita. 67% relataram que a estrutura do espaço necessita passar por uma grande reforma, quanto 18% falaram sobre a dificuldade de mobilidade, envolvendo transporte e locomoção até a entrada do estádio e 15% relataram sobre a dificuldade de segurança no local principalmente nos dias de jogos.

Fonseca (2001) destaca que o patrimônio deve ser um espaço de pluralidade de culturas e valorização, neste sentido o Estádio passa a ter outro status além do desportivo, sendo considerado local de lazer e turismo. Ao serem questionados quanto às melhorias e propostas para que o local seja considerado um patrimônio e um local turístico, enfatizou-se novamente a questão da necessidade de reforma e conservação do espaço, com 53%. 21% destacaram ainda o descaso do poder público, 17%, a falta de segurança e 9%, questões como a falta de informativos sobre o Mangueirão e sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população paraense, no seu recorte pesquisado no trabalho apresentado aqui, considera de forma expressiva o estádio como um patrimônio cultural da população paraense, não somente pela sua importância como marco referencial cultural, mas também pelo seu valor histórico e antropológico, e nas falas dos respondentes aparecem, nos momentos das entrevistas, diversas recordações em atividades dentro do estádio, assistindo jogos. Estes fatos retratam a possibilidade de o estádio se caracterizar como patrimônio cultural do Estado do Pará, reforçando identidades e sentimentos de pertencimento. Em vários momentos durante a pesquisa foi percebido famílias e grupos cultivando este sentimento nos filhos, crianças e jovens, através do cuidado com a coleta de lixo e a preservação da limpeza do estádio.

A clássica disputa entre os times do Remo e Paysandu reforçam ainda mais o Mangueirão como patrimônio, como se fosse uma final de copa do mundo, onde parte dos olhos da população paraense se volta para o estádio, também apelidado de “Colosso do Bengui”, bairro periférico que fica ao lado do EOP.

As falhas na conservação e na gestão aparecem na dificuldade de segurança no entorno e o transporte não consegue suprir muitas vezes as necessidades de deslocamento dos mais de quarenta mil pagantes que vão ao estádio no RExPA e nos jogos de maior relevância para comunidade.

A administração do EOP, percebendo a importância como patrimônio da cidade, abriu em 2016 um Centro de Visitação no estádio, salientando ainda mais a multifuncionalidade do Mangueirão que além de receber visitas, recebe também cerca de 150 jovens que realizam atividades esportivas no espaço, atendidos por projetos sociais que tem sede no estádio. Alguns entrevistados sonham em ver o estádio com uma nova aparência e com políticas públicas não só voltadas para o esporte mais para população que vive ao seu entorno. Isso tem a ver com os usos que o patrimônio pode ter para a comunidade que o elege como tal, não necessariamente tendo que se relacionar à atividade turística nem tão pouco ao mercado de bens culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, C. A. B; MARTINS, J. C. O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Subjetividades*, v. 7, n. 2, p. 479-500, 2007.

BALLART, J. *El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso*. Barcelona: Ariel, 1997.

BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. 2. ed. São Paulo: Senac, 1997.

BRASIL, MINISTÉRIO DO TURISMO. *Turismo. Orientações básicas*. Brasília: MTur. 2010.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil (CF/1988)*. Brasília-DF: Senado Federal, 2006.

DAMATTA, R. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Sala, 1984.

DI MÉO, G. Patrimoine et territoire, une parenté conceptuelle. *Espaces et sociétés*, n. 4, p. 15-34, 1994.

FIGUEIREDO, S. L. NOBREGA, W. R. M. Turismo e desenvolvimento regional: conceitos e políticas em um caso brasileiro. In: FIGUEIREDO, S. L.; AZEVEDO, F. F.; NOBREGA, W. R. M. (Org.). *Perspectivas contemporâneas de análise em turismo*. Belém: NAEA, 2015. p. 11-37.

FIGUEIREDO, S. L., NÓBREGA, W., BAHIA, M., PIANI A. Planificación y gestión de las visitas al patrimonio natural y cultural e los atractivos turísticos. *Estudios y Perspectivas en Turismo* 21, 2012, p. 355-371.

FONSECA, M. C. L. *Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio*. 2001.

GONÇALVES, J. R. S. *O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição*. Estudos Históricos, v. 28, n. 55, p. 211-228, 2015.

HELAL, R. *Passes e Impasses - futebol e cultura de massa no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MALKIN, R. Do viajante de outrora ao novo turista. *Turismo e Cultura: um casamento por conveniência*, p. 24-25, 1999.

MCKERCHER, B; MCKERCHER, R; DU CROS, H. *Turismo cultural: A parceria entre turismo e gestão do patrimônio cultural*. Routledge, 2002.

MOESCH, M. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto, 2002.

MONTEIRO, S. S. et al. *Futebol, Ditadura e Trabalho: uma análise das relações políticas e sociais no campo desportivo paraense (1964–1978)*. 2009.

MURTA, S. M.; ALBANO, C. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MURTA, S. M.; GOODEY, B. *Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual*. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

NUNES, J. R.; NASCIMENTO, R. S.; NASCIMENTO, V, L. Q. Centro de Visitação – Estádio Olímpico do Pará Edgar Proença. In: *Anais do 7º CBEU - Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: < http://www.cbeu.eventssystem.com.br/exibir_trabalho.php?id=3345>. Acesso em: 15 mai 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). *Introdução ao turismo*. São Paulo: Roca, 2001.

SILVA, E. P. Patrimônio e identidade. Os desafios do turismo cultural. *Antropológicas*, n. 4, p. 217-224, 2000.

THIOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. Rio de Janeiro: Polis, 1981.